
María Fernanda Rollo, María de Fátima Nunes, Madalena Esperança Pina e María Inês Queiroz (coord.), *Espaços e Actores da Ciência em Portugal (XVIII-XX)*, Casal da Cambra, Caleidoscópico, D. L., 2014, 372 pp.

Isabel Barros Dias
Universidade Aberta
IELT e IEM (FCSH/NOVA)
isabel.dias@uab.pt

O livro coletivo *Espaços e Actores da Ciência em Portugal (XVIII-XX)* reúne uma parte significativa das comunicações apresentadas no encontro internacional com o mesmo nome, que teve lugar na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa em fevereiro de 2012. De acordo com o referido na introdução da obra, o principal objetivo que presidiu, tanto ao encontro, como ao livro, consistiu na vontade de “reflectir sobre a dinâmica dos protagonistas da Ciência em diversos patamares e esferas de actividade e vivência. Procurou-se deste modo dar expressão aos construtores / actores da ciência (pessoas, instituições e mesmo lugares) e dar a conhecer o perfil, a natureza, os motivos e percursos desses agentes que construíram ciência em Portugal.” Os 21 artigos que compõem o volume testemunham como o objetivo traçado foi plenamente atingido, uma vez que o livro transmite uma visão ampla e multifacetada de espaços, de promotores e organismos, de protagonistas e, ainda, de arquivos de ciência, dividindo-se a obra precisamente de acordo com estas quatro dimensões ou perspetivas sobre a ciência e a sua história.

Um primeiro conjunto de artigos centra-se no estudo de “Lugares de ciência”, quer sejam eles de carácter mais efémero (veja-se o artigo de José Luís Assis sobre “A Imprensa Científica Militar (1851-1918): Trocas e circulação de saberes entre Portugal e a Europa”, onde se salienta o papel de difusão e de atualização científica que a imprensa cumpriu entre meados do séc. XIX e inícios do séc. XX), quer se trate de edifícios, estruturas mais perenes que albergaram o estudo e o desenvolvimento de ciências diversas, caso do Instituto Industrial de Lisboa - Instituto Superior Técnico que, desde a sua fundação e entre outras instituições de ensino técnico-industrial, contribuiu para dotar o país de técnicos capazes de dar resposta às necessidades decorrentes das novas aplicações da electricidade (como demonstra o estudo de Ana Cardoso de Matos sobre “Espaços e actores do ensino da electricidade em Portugal (1850-1911)”), ou da criação de uma rede de laboratórios, como se verificou nos primeiros decénios do século XX, em articulação com Hospitais e Universidades, por forma a valorizar a vertente prática do ensino, assunto sobre o qual se debruçou Ângela Salgueiro no artigo “Laboratórios universitários – espaços de ciência na transição da Monarquia para a República”.

Apesar de o livro incidir sobre um leque temporal que vai do

século XVIII ao século XX, a grande maioria dos artigos concentra-se em assuntos do século XIX. No entanto, esta primeira parte inicia-se com um artigo, da autoria de Fernando B. Figueiredo, que aborda uma instituição do século XVIII: “A criação do Observatório Astronómico da Universidade de Coimbra (1799) e o estabelecimento do seu programa científico”. Enquadrado inicialmente na dinâmica pombalina de modernização do país, e depois de um percurso de vicissitudes e ajustes, o artigo mostra-nos como o observatório acabou por conseguir cumprir os seus objetivos iniciais, potenciando simultaneamente o progresso da ciência e o seu estudo.

O primeiro grande bloco da obra encerra com dois artigos relacionados com espaços onde teve início a prática da Psicocirurgia, o Hospital de Santa Marta (“O Hospital de Santa Marta no Nascimento da Psicocirurgia: espaços, ideias e atores”, por Manuel Correia e Célia Pilão) e a casa de Saúde do Telhal (“Casa de Saúde do Telhal na História da Psicocirurgia: Ideias, Espaços, Práticas e Protagonistas”, de Aires Gameiro, Manuel Correia e Augusto Moutinho Borges). Trata-se de dois artigos que permitem perceber a ação, à época inovadora, de um conjunto de médicos, com destaque para Egas Moniz, bem como o seu impacto na ciência, na imprensa e na sociedade que testemunharam o início das técnicas imagiológicas, novas terapêuticas, e ainda as primeiras intervenções ao cérebro.

O segundo bloco em que a obra se divide tem por tema “Promotores e Organismos”, bloco este que abre com um artigo sobre a realidade espanhola: “La lucha por la modernidad: La Junta para Ampliación de Estudios y sus protagonistas”, de José María López Sánchez, que nos dá uma perspetiva ampla da atmosfera científica e intelectual espanhola na viragem do séc. XIX para o XX e das suas subsequentes transformações. No que se refere a Portugal, não foram esquecidas organizações como o INII enquanto “espaço de investigação científica dedicado à indústria” (p. 122), graças ao artigo de Ana Carina Azevedo, “Instituto Nacional de Investigação Industrial: a investigação científica aplicada ao desenvolvimento industrial”, a JNICT, que marcou a organização da ciência durante o Estado Novo, como demonstra Tiago Brandão no artigo “A Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica (JNICT, 1967-1974) Numa ‘esquina da história’...” e ainda a menos conhecida INVOTAN – Comissão Coordenadora de Investigação para a OTAN, e a respetiva ação durante o período da Guerra Fria (“O internacionalismo científico no âmbito das origens da INVOTAN”, por Paulo Vicente). Este

conjunto de artigos permite traçar o percurso e perceber os contornos da política de ciência e das respetivas prioridades ao longo da maior parte do século XX, uma vez que é eloquente o modo como estes organismos de coordenação científica apoiaram e incentivaram as vertentes da produtividade, da inovação e da internacionalização.

A secção “Promotores e Organismos” inclui ainda o artigo de Ismael Cerqueira Vieira sobre os promotores da pesquisa e da inovação no combate a um dos maiores flagelos dos séculos XIX-XX, a tuberculose (“Escolas médicas e tuberculose: um olhar sobre as dissertações médicas em tisiologia em Portugal (sécs. XIX – XX)”)), demonstrando assim a importância que tiveram esta doença, fatal e dizimadora, e a procura urgente de tratamentos que a sanassem.

O bloco que reúne o maior número de contributos é o dedicado a “protagonistas da Ciência”, o que seria de esperar tendo em conta o grande número de figuras de proa que intervieram em áreas de ciência, de forma pertinente. Um dos traços fundamentais do saber consiste na troca de ideias, uma vez que o diálogo é elemento fundamental na transmissão de conhecimentos entre personagens e espaços diversos, promovendo ainda a influência ou a reelaboração de ideias. Esta última questão é desenvolvida nos dois primeiros artigos do bloco, tendo em conta os dois países ibéricos, escalpelizando-se o modo como receberam, discutiram, incorporaram e adaptaram modelos e teorias oriundos da Alemanha: “A ciência e a criação de um «homem novo» português. O pensamento de Barahona Fernandes e a influência das teorias eugénicas alemãs” de Cláudia Ninhos e, por Ignacio Garcia Pereda, “Agustín Pascual (1818-1884). El modelo alemán y la primera enseñanza forestal en España”. Também o debate, e mesmo as disputas mais fraturantes, configuram-se como estímulos para o avanço da reflexão e das ciências. O artigo de António Mota Aguiar, “Apontamentos para a História da contenda entre António Sérgio e Abel Salazar sobre a ‘Falência da Metafísica’”, debruçando-se sobre o binómio ciência / metafísica, mostra-nos precisamente um pouco da atmosfera das polémicas que foram tão comuns até meados do século XX e que marcaram de forma indelével a evolução do pensamento da época, preenchendo-o de vivacidade, emoção e, por vezes, também de algum humor. Longe da exuberância que marca todo e qualquer debate público, o contributo discreto de determinadas mulheres para a ciência, como foi o caso de Ester Pereira de Sousa para o estudo da botânica tropical, é abordado por Ana Cristina Martins no artigo “Mulheres cientistas e os

Trópicos: (in)visibilidades da primeira metade do novecentos português”.

Entre as várias personagens recordadas nesta secção, pela sua ação em prol da sociedade e do progresso científico, mereceram destaque nomes como o de Costa Sacadura, precursor na área dos cuidados de saúde primários e das condições sanitárias e de higiene (Sofia Fernandes, “Dr. Costa Sacadura (1872-1966) e a sua obra científica: os seus contributos para a higiene e construção escolar em Portugal na transição do século XIX para o séc. XX”); António Oliveira Pinto, como exemplo da obra levada a cabo pela companhia de Jesus no desenvolvimento do ensino científico em Portugal e na Europa (Francisco Romeiras, “António Oliveira Pinto S.J. e as primeiras experiências com Radioactividade em Portugal”); sem esquecer ainda um conjunto significativo de nomes, alguns muito sonantes, que intervieram no combate a epidemias e doenças endémicas, como a muito temida e fatídica tuberculose, ou a febre tifoide, entre outras, no estudo desenvolvido por Maria Antónia Pires de Almeida no artigo “Combatendo epidemias: Bernardino António Gomes, Sousa Martins, Ricardo Jorge, Câmara Pestana, Almeida Garrett, Fernando da Silva Correia.”

A última secção em que se divide o livro, *Espaços e Actores da Ciência em Portugal (XVIII-XX)*, é dedicada à conservação da memória: “Patrimónios Museológicos e Arquivos de Ciência”. Esta secção é composta por três trabalhos que abordam outras tantas iniciativas: o estudo do acervo de uma das primeiras escolas de ensino industrial em Portugal, o IIP (Patrícia Costa, Helder I. Chaminé e Pedro M. Callapez, “O Instituto Industrial do Porto e a divulgação da Ciência na segunda metade do séc. XIX”); um projeto de musealização planeado para a Ajuda (João Brigola e Luís Ceríaco, “Um projecto de musealização para o Gabinete de História Natural da Ajuda (1768-1836). História, Colecções, Espaços”) e, finalmente, “Os acervos do Arquivo de Ciência e Tecnologia”, estudados por Madalena Ribeiro e Paula Meireles. Estes artigos dão-nos a conhecer um pouco do muito que se planeou realizar, bem como do que existe e deveria ser conservado e valorizado, o que estimula a inter-rogação sobre quantos acervos, colecções e arquivos documentais se terão perdido, se estão a perder, neste momento, e que permanecem ainda por catalogar e estudar...

O livro coletivo *Espaços e Actores da Ciência em Portugal (XVIII-XX)* oferece-nos, assim, um panorama não exaustivo, mas

suficientemente detalhado para proporcionar uma boa noção do que foi a evolução da ciência, nos últimos séculos, com destaque para a viragem entre o séc. XIX e o XX. A obra incide sobre áreas diversificadas mas complementares: como se organizou, como evoluiu, a que métodos recorreu, quem a protagonizou, como se transmitiu e internacionalizou e, finalmente, como se preservou ou como se procura preservar a ciência, configurando-se assim como um livro poliédrico, mas coerente graças ao seu tema central, à roda do qual todos os artigos evoluem. Para além da pertinência e qualidade dos estudos que reúne, este livro coletivo tem ainda o mérito de congregar investigadores consagrados e jovens que apresentam os resultados de projetos de pesquisa e de estudos conducentes a dissertações de mestrado e teses de doutoramento. Por conseguinte, além de nos presentear com pontos de vista díspares, o livro coordenado por Maria Fernanda Rollo, Maria de Fátima Nunes, Madalena Esperança Pina e Maria Inês Queiroz traz-nos testemunhos de investigação recente, e em desenvolvimento, o que faz com que esta obra se constitua, também ela, como uma peça de uma estrutura que, merecidamente, tem vindo a crescer e a desenvolver-se.

Pedro Sena-Lino e Maria João Manso Boléo, *Cidades do Mar*, Porto, Porto Editora, 2016, 192 pp.

Tânia Regina Teixeira Monteiro

Universidade do Porto

Email: tania.monteiro347@gmail.com

Cidades do Mar é um dos projetos mais recentes da Porto Editora para o ensino de Português como Língua Estrangeira (PLE). A principal característica que chama a atenção, pela forma diferente do que estamos habituados nos manuais de língua estrangeira, é que neste a cultura não é acessória. Ou seja, este projeto veio unir, de forma dinâmica, a cultura dos países de língua portuguesa e a aprendizagem da língua, estando o ponto de partida na cultura.

A cultura está diretamente ligada com a comunicação e a prática social. Mais do que aprender uma língua, é necessário aprender a cultura associada a ela. Assim, cabe ao professor familiarizar o aluno com a possibilidade de haver choques culturais e de o preca-